

Infiltração proposital e aberta

Márcio Scansani

Editor da Armada

Não sou da área do Direito. Sou um ex-publicitário comercial, atualmente editor e revisor de livros.

Mas tenho alguma vocação para raciocinar com alguma lógica – coisa que parece distante do cidadão comum, bombardeado pelo consenso conformista insuflado pela imprensa. Vamos tentar um raciocínio desses:

Breve análise de quadro

Muita coisa tem sido dita a respeito da corrupção generalizada em nosso país. Dos desmandos, dos abusos, dos absurdos, do ridículo perante o mundo civilizado, da degradação da Academia e do ensino em geral, o que acabou afetando os costumes e o próprio comportamento de cada indivíduo. Existe pela *internet* uma profusão interminável de acusações

justificadíssimas, que, no entanto, não resultam em grande coisa, pelo menos a olhos vistos.

Muita gente de altíssimo nível, de jornalistas a advogados ou acadêmicos das mais variadas áreas, denunciando, comentando e acusando diuturnamente o Febeapá redivivo que tomou conta do país. Indignando-se. Demonstrando os erros. Essas lições causam a impressão de atingir um contingente enorme, mas isso se dá apenas porque estamos acostumados a lidar com nossos próprios círculos de convivência. Porque no mundo lá fora não é bem assim: o cidadão comum, que não tem acesso a determinados tipos de literatura e formas de interpretação da realidade, é vítima fácil do consenso gerado por gente mal-intencionada e propagado por uma imprensa cúmplice. Se quiserem um exemplo, basta sair às ruas e ver todo mundo mascarado.

Mas, voltando ao raciocínio, aparentemente todas essas denúncias não dão em nada. Denunciam-se os abusos, as investidas de um Poder, e bem sabem a qual Poder estou me referindo, sobre os outros dois, compromete-se a estabilidade e a harmonia entre estes, com decisões absurdas que bem caberiam em uma novela kafkiana, só que a incidência de fatos bizarros é tamanha que essa novela teria forçosamente que ser dividida em

tantos capítulos e volumes que faria a Barsa parecer uma coleção pequena e discreta.

Não preciso me alongar aqui. Todos já vimos isso. Também já vimos, p. ex., até onde chegam os arroubos de pequenos ditadores, hitlerzinhos de estados, stalinzinhos de prefeituras, e até a chamada “Síndrome do Pequeno Poder”, representada por vigias do terror, aqueles que nos apontam pistolas à cabeça, investidos da autoridade de permitir que entremos ou não em, p. ex., um supermercado, no caso do tratamento dado ao combate a uma “pandemia” causada por um vírus que nem era tudo isso, no mínimo obtusa e no máximo criminosa. Foi o que denominei “corrida da proteção”, onde cada governador queria demonstrar “proteger” seu estado mais do que seu vizinho; daí nasceu o festival de estupidez nunca dantes observado, e também todos vimos que deu no que deu: quebraadeira generalizada, desemprego em massa, sem contar o número de suicídios, coisa da qual nunca seremos devidamente informados, e também sem contar com o que talvez tenha sido o pior efeito direto: uma população inteira submetida, usando máscaras (focinheiras, na verdade) até para ir à praia e acreditando piamente que um pedaço de pano os protegeria de um vírus. E, ainda pior, *dividida*.

Ok, bem sei que de saúde pública mesmo, bem pouco foi aproveitado, uma vez que parece óbvio que todas essas atitudes foram políticas.

Mas os donos do poder, para usar a expressão de Raymundo Faoro, absolutamente não se importam, encastelados em suas torres e em seu mundinho particular. Eles não dão a mínima para detalhes como as reais necessidades da nação, e muito menos para anseios da população, crentes que seus poderes são quase sobre-humanos e que jamais serão desempossados de cargos de comando para os quais não receberam um voto sequer. Ora, se não respeitam nem a majestade de seus cargos, não haveria o que os fizesse respeitar essas firulas, não é mesmo? A mim, isso causa a impressão que talvez sequer conheçam a extensão dos problemas que causam, mas é só impressão: eles sabem muito bem o que fazem e por que o fazem, posto que foram colocados lá exatamente para agir com base na ideologia que seguem em momentos de necessidade. É por isso que nada acontece, nenhuma dessas acusações atinge quem deveria atingir, e se atinge, não lhes faz nem se amedrontar. Eles não ligam. Eles já não ligam sequer para serem levados a sério.

Isso chegou ao ponto de atingir todas as áreas – literalmente *todas mesmo*. Muito se fez para especular de onde, afinal vem essa realidade que nos assombra. Não vou entediar o leitor com motivos nem com detalhes históricos – isso vem de longe, e para se informar sobre, também existem várias publicações excelentes e não é esse o nosso foco: apesar de eu ter uma mania irritante de sempre buscar os motivos e fazer perguntas incômodas como “por que isso?”, ou o famoso “*cui bono?*”, mas não vamos falar disso aqui. Muita gente já fez essas perguntas e já obteve boa parte das respostas.

O fato é que sabemos que estamos num buraco cujo fundo ainda não conseguimos enxergar. Só não sabemos ainda como lidar com isso. Tomar pé da situação é um bom começo.

Breve análise de perspectivas

Podemos, assim, enumerar as perspectivas:

1) Conformarmo-nos e aceitar nosso destino degradante. Isso significa entregar nossas vidas e, pior, nossa liberdade, aos predadores, sem resistência – nesse caso, foi bom ter convivido com vocês: me encontrarei com alguns de vós no paredão;

2) Continuar denunciando, reclamando e rezando para que uma hora a coisa se reverta como que

por intervenção divina, só que Ele não vai fazer isso por um motivo muito simples: “Ajuda-te que Eu te ajudarei”, lembram?;

3) Resta-nos combater essa doença com as mesmas armas. Enumerarei isso mais adiante.

Dessa maneira, vamos tentar esboçar uma ideia de como criar a consciência do dever de combater esse quadro, que já passou há muito do estágio do alarmante e adentra, glorioso, o estágio do perigo iminente. A catástrofe está logo ali. Se quiserem um exemplo, basta olhar para a Argentina. Ainda que Macri não seja propriamente um conservador puro-sangue, sua eleição foi uma das primeiras reações do campo conservador no continente, e sem dúvida a primeira realmente importante. Em escala mundial, foi seguida pelo fenomenal ressurgimento de algo que podemos chamar, no mínimo, de anti-esquerda: Brexit no Reino Unido, crescimento da direita francesa, eleição de Trump nos EUA, Viktor Orban e todos os líderes do Leste Europeu, Matteo Salvini na Itália, Sebastian Kurz na Áustria, reeleição de Netanyahu em Israel, Boris Johnson no Reino Unido, e o fenômeno Bolsonaro aqui na terrinha.

Evidentemente o Foro de São Paulo, que está contido no movimento de esquerda globalista, tinha que fazer alguma coisa,

tão logo entendesse qual foi o caminhão que o atropelou. Isso posto, na Argentina, ficaram quatro anos desconstruindo a imagem de Macri, que cometeu o erro de não ser suficientemente austero e de tentar algum tipo de convivência com a bandidagem que o antecedeu e que colocou o país naquela situação infernal. Resultado: se não foi o caso de uma mega-armação eleitoral, a massa, manobrável como sempre, tanto pelo bolso quanto pelo estômago, trouxe de volta para resolver o problema os mesmos que o criaram. É isso que está acontecendo aqui, ou alguém já se esqueceu de todas as tentativas de desconstrução da imagem de Bolsonaro?

Mas novamente me perdi em devaneios. Voltando ao foco.

O que fazer, então?

A esquerda age na *praxis*, e age nas sombras. Sempre agiu. É de sua natureza sub-reptícia ter dois discursos, um para as cabeças pensantes e outro para agradar à militância, até porque, se dissessem a que vieram, bem poucos comprariam seu peixe. Assim, a mentira é a norma, inclusive internamente, e a criação de inimigos imaginários é a forma.

Entendemos que nos últimos, no mínimo, 40 anos, eles vêm cumprindo as orientações de Antonio Gramsci e se

infiltraram em todo e qualquer canto (fizeram isso na Argentina também, e foi utilíssimo). Onde quer que houvesse um espaço, ali estaria um militante ou membro de alguma agremiação solidária à causa pronto a ocupar o lugar.

Muito bem: façamos o mesmo. Lancemos candidatos que tenham estômago e disposição para a briga, sabendo que enfrentarão quem mal sabe do que está falando, mas tem o discurso pronto na ponta da língua, cheio de respostas-padrão para perguntas determinadas, ou raciocínios circulares para perguntas inesperadas.

Evidentemente existem diferenças, não se pode pedir que conservadores usem da mentira, nem que ocupem postos temporariamente sem muita importância, especialmente agora que a coisa é urgente, e principalmente porque estamos falando em fazer isso abertamente, não sub-repticiamente – até porque não temos o que esconder.

Portanto, façamos o mesmo, só que abertamente. Apoiemos todos os candidatos que defendam o armamento e o direito de defesa da população. Que defendam a faxina geral na educação, no Judiciário, na imprensa. Que defendam o direito do indivíduo e não de coletivos – isso inclui não patrocinar eventos de coletivos, como paradas *gays*, marcha da maconha,

whatever – nem mesmo de iniciativa conservadora – quem quer se manifestar, que se manifeste, mas o faça com verbas próprias; isso não tem absolutamente *nada a ver* com preconceitos de qualquer natureza, mas com o bom tratamento da coisa pública. Que defendam que criança tem que ser protegida e não usada como objeto de experiência social. Que defendam a família e os valores civilizacionais.

Que defendam que artistas produzam o que o mercado quer consumir, como qualquer outro produtor do que quer que seja, ou calem a boca. Que defendam a iniciativa privada e *cada vez menos participação do Estado*. Que se portem e demonstrem coragem e discernimento para quais batalhas valem a pena e quais não valem.

E que não sejam puristas a ponto de devolver verbas não utilizadas, que voltarão para os comandos das casas em que atuam, mas usem todas as verbas disponíveis destinadas a seus gabinetes na contratação de quem também pensa assim, gente que propagará essas ideias que o candidato defende e programas e/ou eventos que prestigiem esses valores.

E sobretudo que não se comportem como portadores de ideias velhas, obtusas, mas sim de ideias perenes, permanentes, universais – isso inclui até a vestimenta.

Mais, e tão importante quanto: apoiar e incentivar candidaturas viáveis às reitorias das universidades, nos mesmos moldes dos apoios a candidaturas políticas.

Finalmente, rejeitar a mídia *mainstream*.

Pode parecer lógico o que estou falando? Pelo nosso histórico, não é tanto. Mas não custa tentar.